

A NATIONAL SECURITY STRATEGY E O DESAFIO CHINÊS: UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO MILITAR ESTADUNIDENSE ENTRE 2017 E 2020

*Rodrigo Guimarães Lopes*³⁸

UFRGS

Resumo

No contexto das reações dos Estados Unidos da América para responder ao crescimento do poder global representado pela República Popular da China, o presente artigo se propõe a identificar conexões entre o documento National Security Strategy de 2017, editado e publicado durante o governo Donald Trump, e a revista Military Review sobre o que é entendido como ameaças do Estado chinês entre 2017 e 2020. A hipótese levantada é de que as ações chinesas são foco principal das preocupações de segurança dos militares estadunidenses. Por meio da análise de conteúdo, percebe-se a conformidade entre o conteúdo do principal documento estratégico dos EUA e a publicação, que reúne o pensamento da elite militar dos EUA.

Palavras-chave: Estados Unidos, China; National Security Strategy, Exército, Forças Armadas.

THE NATIONAL SECURITY STRATEGY AND THE CHINESE CHALLENGE: AN ANALYSIS OF U.S. MILITARY THOUGHT FROM 2017 TO 2020

Abstract

In the context of the reactions of the United States of America to respond to the growth of global power represented by the Peoples's Republic of China, the following article aims to identify connections between the 2017 National Security Strategy document, edited and published during Donald Trump administration, and the Military Review magazine on what is understood as threats from the Chinese State actions are the main focus of the security concerns of the U.S. military. Through content analysis, the conformity between the content of the main U.S. strategic document and the publications, which brings together the thinking of the U.S. military elite, can be seen.

Keywords: United States, China, National Security Strategy, Army, Armed Forces.

³⁸ Mestre em Ciência da Comunicação (Unisinos). Doutorando em Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS). E-mail: rodrigo.reporter@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Os pilares militar, econômico, institucional e ideacional que apoiaram, ao longo do século XX, a chamada Pax Americana estão em xeque (LAYNE, 2018). Em diferentes campos do conhecimento, é possível identificar reações, por parte da potência hegemônica, os Estados Unidos da América (EUA), a fim de responder às ações do Estado desafiante, a República Popular da China (RPC). Teóricos como John Mearsheimer (2016) consideram inevitável o conflito entre os dois países. Isso porque, segundo o pesquisador realista, ambos necessitam manter (os Estados Unidos na América) e conquistar (a China na Ásia-Pacífico) primazia regional exclusiva para garantirem suas segurança e desenvolvimento.

Sendo o poder militar um desses campos de embate sobre o futuro da ordem global, entender o pensamento do Exército estadunidense na atualidade nos parece relevante. O presente artigo se propõe a identificar possíveis conexões entre o documento National Security Strategy (NSS), editado durante o governo do presidente Donald Trump, e o pensamento da elite militar dos EUA sobre as ameaças representadas pela China entre 2017 e 2020.

O estudo parte da hipótese de que as ações chinesas são o foco principal das preocupações militares estadunidenses. Nesse sentido, a crescente influência da China de forma global, em geral, e regional, em particular, obrigaria os EUA a reorientarem os conceitos operacionais de seu Exército.

Para esse trabalho, adotamos como método a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016), por se tratar de um conjunto metodológico que estabelece regras de organização e interpretação para o objeto pesquisado. São estudadas a NSS editada e publicada em 2017 e as 24 edições da revista *Military Review* entre 2017 e 2020. Em virtude de nosso objeto, optamos pelo uso das técnicas temáticas (BARDIN, 2016), nas quais identificamos temas tratados nas revistas tensionados com o conteúdo da NSS citada.

Realizamos o estudo a partir de categorias de análise que evocam as principais preocupações do documento NSS. Tal metodologia permite aferir conteúdos predominantes na produção das publicações da revista a respeito da China. A partir desse procedimento, analisamos as características, seus emissores e os tipos de consensos em circulação no meio militar estadunidense.

2. OS ESTADOS UNIDOS E A NATIONAL SECURITY STRATEGY (NSS)

Desde o processo de reaproximação e normalização das relações bilaterais entre Estados Unidos e China, iniciado em 1969 e concluído em 1979, os dois Estados alternam períodos de cooperação e competição. O fim da Guerra Fria, em 1991, trouxe novos aspectos a partir do colapso soviético, questionamentos à unipolaridade estadunidense e elementos de oportunidade e de vulnerabilidade estratégicos derivados da interdependência entre esses Estados. A ascensão chinesa como potência desafiante do sistema internacional desperta tensão natural e sobreposição aos interesses estadunidenses, afetando o equilíbrio de poder entre o atual hegemon, os Estados Unidos, e o Estado emergente, a China.

A partir de 2010, é possível identificar o redirecionamento de foco por parte do governo estadunidense, depois de anos da chamada Guerra ao Terror e do esforço militar no Oriente Médio, para uma preocupação com a região da Ásia-Pacífico no sentido de contrabalançar a ascensão chinesa. O governo de Barack Obama passou a liderar o Trans-Pacific Partnership (TPP) como pedra angular de sua política para a região. O Quadriennial Defense Review (QDR, 2014) e a National Security Strategy (NSS, de 2015) consubstanciam o redirecionamento em direção à Ásia-Pacífico como prioridade geoestratégica.

Após a eleição de Trump, em 2016, e sua posse, no ano seguinte, a China passou a ser identificado como o principal adversário geoestratégico dos Estados Unidos, a ponto de Mearsheimer (2019) prever que, no futuro, os dois Estados irão liderar ordens capazes de competir entre si nos domínios econômico e militar. Editada em dezembro de 2017, a NSS analisada neste artigo explicitou preocupações estadunidenses com relação a novos competidores, em especial a China. Conforme aponta Fiori (2018, p. 11-12):

(...) Do ponto de vista estritamente teórico, o novo documento estratégico dos EUA se situa na tradição do realismo internacional de Edward Carr e Hans Morgenthau, atualizado no fim do século XX pelo “realismo ofensivo” de John Mersheimer, que sempre se opôs às teses clássicas do “cosmopolitismo liberal” introduzidas no cenário internacional pelo presidente americano Woodrow Wilson, depois do fim da Primeira Guerra Mundial. Do ponto de vista prático, entretanto, o novo documento norte-americano representa uma ruptura revolucionária, com relação ao passado da política externa dos Estados Unidos do século XX, e um

gigantesco ponto de interrogação com relação ao futuro dos Estados Unidos e de todo o sistema internacional.

Assinada pelo presidente da República e aprovada pelo Congresso Nacional, idealmente, a NSS é um relatório geral que sintetiza os interesses, objetivos e missões do governo; as políticas e os compromissos internacionais, assim como os recursos e esforços necessários para alcançá-los; e deve apresentar uma avaliação dos riscos envolvidos nesse processo (Dale, 2013, p. 3-5). O documento constitui parte fundamental do que Liddell Hart (1991) define como “Grande Estratégia”, o instrumento maior de política de um Estado para o qual devem convergir recursos humanos e econômicos de uma sociedade para sustentar suas Forças Armadas. Como a realidade impõe recursos limitados, não há capacidade suficiente para se obter todas as vantagens do sistema e enfrentar todas as ameaças. Conforme Brands (2014, p. 4-5), tal exercício envolve a priorização de interesses considerados vitais e ameaças latentes.

A NSS de 2017 estabelece China e Rússia, nessa ordem, como principais competidores dos EUA:

China e Rússia desafiam o poder americano, a influência e interesses americanos, erodindo a segurança e a prosperidade americana. Eles estão determinados a tornar as economias menos livres e menos justas, a ampliar suas capacidades militares e a controlar informações e dados para reprimir suas sociedades e expandir sua influência. (...) Essas competições exigem que os Estados Unidos repensem as políticas das duas últimas décadas – políticas baseadas na premissa de que o engajamento com os rivais e sua inclusão nas instituições internacionais e no comércio global os transformaria em atores benignos e parceiros confiáveis. Em grande medida, essa premissa revelou-se falsa (UNITED STATES OF AMERICA, 2017, p. 2-3).

A palavra China aparece 32 vezes no documento NSS. A Rússia é citada 25 vezes, seguida de República Democrática da Coreia (21) e da República Islâmica do Irã (17). O documento também se dedica a identificar capacidades dos citados rivais, exemplificando que “China e Rússia estão desenvolvendo armas e capacidades avançadas que poderiam ameaçar nossas infraestruturas críticas e nossa arquitetura de comando e controle” (UNITED STATES OF AMERICA, 2017, p. 8). Com relação à China, o documento registra que esse Estado “está construindo o mais

capaz e bem financiado exército do mundo, depois do nosso. Seu arsenal nuclear está crescendo e se diversificando” (UNITED STATES OF AMERICA, 2017, p. 25).

Em outro trecho, o documento acusa a China de atuar fora das leis de livre-mercado, por meio de roubo de propriedade intelectual com uso de tecnologia de informação. Conforme a NSS:

(...) Todos os anos, concorrentes como a China roubam dos EUA propriedade intelectual avaliada em centenas de bilhões de dólares. O roubo de tecnologia e ideias em estágio inicial permite que os concorrentes explorem injustamente a inovação das sociedades livres (UNITED STATES OF AMERICA, 2017, p. 21).

O texto estabelece ainda que a competição se dá em diferentes campos, não apenas no militar. Ao considerar China e Rússia Estados revisionistas, o documento observa que potências rivais se utilizam de arenas econômica e militar e do uso de tecnologia para alterar equilíbrios regionais a seu favor. Destaca ainda que esses Estados começaram a reafirmar sua influência regional e global, com capacidades militares destinadas a negar acesso aos EUA em tempos de crise e para contestar sua capacidade de operar livremente em zonas comerciais críticas em tempos de paz: “A China busca deslocar os EUA da região Indo-Pacífico, expandir os alcances de seu modelo econômico dirigido pelo Estado e reordenar a região a seu favor” (UNITED STATES OF AMERICA, 2017, p. 25).

Como a percepção é de que a China direciona investimentos econômicos ao mundo em desenvolvimento para expandir sua influência e ganhar vantagens competitivas em relação aos EUA, o documento estadunidense estabelece ações prioritárias por região: além da Ásia-Pacífico, postula ações na Ásia Central e sul da Ásia, na Europa, no Hemisfério Ocidental e na África. As medidas incluem apoio estadunidense a aliados na região Ásia-Pacífico, como Taiwan, “para fornecer as legítimas necessidades de defesa e dissuadir a coerção” (UNITED STATE OF AMERICA, 2017, p. 47), expandir defesa e cooperação com Índia, e fortalecer parcerias com Filipinas, Tailândia, Singapura, Vietnã e Malásia.

A partir da análise da citada NSS e seguindo o processo metodológico apontado por Bardin (2016), identificamos na leitura do documento seis categorias de análise: “Identificação de inimigos”; “Capacidades dos competidores”; “Ações dos competidores em outros campos, que não o militar”; “Revisão de conceito

operacional”; “Uso de desinformação por parte dos rivais”; e “Influência regional/global”. Nessa última categoria, acrescentamos as seguintes subcategorias: “Ásia-Pacífico”; “Europa”; “Hemisfério Ocidental”; “Ásia Central e sul da Ásia” e “África”.

3. O PENSAMENTO MILITAR ESTADUNIDENSE

A revista *Military Review*, objeto de estudo dessa pesquisa, identifica-se como “the professional journal of the U.S. Army” (2017, p. 1). Trata-se de uma publicação editada pelo Departamento de Defesa estadunidense e de um consagrado fórum do Exército dos EUA dedicado a promover o pensamento e o debate de temas relacionados à arte e à ciência da guerra terrestre. Apesar de ser uma publicação oficial, seus editores esclarecem que seu conteúdo não reflete necessariamente a posição do Departamento de Defesa estadunidense, sendo seus textos de responsabilidade de seus autores (2017). A edição impressa tem periodicidade bimestral. A principal área de concentração da revista é o nível operacional da guerra, isto é, situando-se entre os níveis estratégico e tático. Portanto, a revista busca, predominantemente, artigos que abordem questões de interesse para militares que estejam servindo em funções de comando ou de Estado-Maior, que tratem do planejamento e execução de campanhas para a consecução de objetivos estratégicos. Os artigos publicados passam pelo crivo da equipe de editores. Sendo assim, a revista configura-se, a nosso ver, como uma importante caixa de ressonância do pensamento militar estadunidense.

A partir da leitura das edições publicadas em inglês da *Military Review*, entre 2017 a 2020 (24 publicações), período que compreende em sua maior parte a vigência da NSS, identificamos 3.068 citações da palavra China (Quadro 1). O número cresce a partir da edição de novembro/dezembro de 2017, mês em que a NSS foi publicada pelo governo Trump. Durante todo o referido ano, a palavra China aparece 283 vezes, 150 delas na edição que coincide com o mês de publicação da NSS.

No ano seguinte à publicação da NSS, 2018, quando o documento entra em vigor, o número de citações da palavra “China” quase dobra, registrando-se 471 aparições. Em 2019, as citações somam 967, em grande parte concentradas na edição de setembro-outubro, que conta com uma área que reúne conteúdos

especiais especificamente sobre a potência emergente. O maior cômputo de citações, entretanto, ocorre em 2020 (1.347 registros), último ano de mandato de Trump.

Quadro 1 – Análise da citação “China” em edições da Military Review

	Jan-Fev	Mar-Abr	Mai-Jun	Jul-Ago	Set-Out	Nov-Dez	Total
2017	3	31	22	54	17	150	283
2018	199	143	5	66	44	14	471
2019	15	42	16	20	32	852	967
2020	167	93	39	31	157	860	1347

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em um segundo momento, tensionamos os artigos presentes nas revistas com os temas prioritários relacionados à China descritos na NSS. A partir da análise dos textos, enquadramos cada um dos artigos em uma das seis categorias de análise definidas na NSS em relação à China.

O maior número de artigos concentra-se na categoria “Revisão de conceito operacional” (27 textos analisados). Os artigos, de forma geral, refletem sobre o conceito Multi-Domain Battle (MDB) e a necessidade de operações que obedeçam ao mesmo princípio, as Multi-Domain Operations (MDO).

A segunda categoria com maior número de artigos é “Influência regional/global” (25 textos). Entre as cinco regiões explicitadas na NSS como pontos de atenção sobre a influência chinesa em flanco desafio à hegemonia dos EUA, a que desperta maior preocupação é “Ásia-Pacífico”, subcategoria de análise que reúne 17 artigos. Assuntos como manobras militares no Mar do Sul da China (MSCh), ameaças a Taiwan e tensões relativas a Hong Kong integram o chamado entorno estratégico chinês (strategic encirclement). Conforme Aquino (2018), esse termo é encontrado em documentos oficiais produzidos na Índia, na China e na Rússia, no início do século XXI, ao referir-se à região em que esses Estados estão inseridos e onde projetam seus interesses. Também Mearsheimer (2019) destaca essa como uma região preferencial da China para projetar sua influência.

A categoria “Identificação de inimigos” reúne 12 artigos. “Uso de desinformação por parte dos rivais” registra seis textos; “Ações dos competidores em outros campos, que não o militar”, cinco, e “Capacidade dos competidores”, um artigo.

Quadro 2 – Análise das categorias na Revista Military Review

	2017	2018	2019	2020	Total
Identificação de inimigos	3	2	5	2	12
Capacidade competidores	0	0	1	0	1
Ação em outros campos	0	0	1	4	5
Revisão do conceito operacional	4	6	10	7	27
Desinformação	1	1	3	1	6
Influência Regional/global	6	9	3	7	25
Ásia-Pacífico	3	5	3	7	17
Ásia Central-Sul da Ásia	0	0	0	0	0
Europa	0	1	0	0	1
Hemisfério Ocidental	3	2	0	0	5
África	0	1	0	0	1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em uma análise qualitativa é possível perceber que, mesmo antes da publicação da NSS, nas edições que antecederam dezembro de 2017, a preocupação com a reformulação dos procedimentos táticos por parte do Exército dos Estados Unidos, é debatida em artigos na revista Military Review. Na edição de julho-agosto, o artigo assinado pelo general David G. Perkins, cujo título é “Multi-domain battle – Driving Change to win in the Future”, discute o conceito de batalha multidomínio

como resposta aos desafios impostos no MSCh: “É um reconhecimento de que os Estados Unidos estão chegando ao fim de um período em que podem fazer a mudança por escolha, sem ter sofrido severas perdas” (PERKINS, 2017 p. 9).

Em outro artigo, na edição de novembro-dezembro de 2017, assinado pelo tenente-general Mike Lundy e pelo coronel Rich Creed, intitulado “The return of U.S. Army Field Manual 3-0, Operations”, os oficiais defendem que o ambiente estratégico mudou significativamente e que demonstrações de força por parte da China exigem do Exército estadunidense uma adaptação rápida à maior possibilidade de combate terrestre em larga escala contra adversários mais capazes do que a Al-Qaeda, os insurgentes iraquianos e o Talibã (LUNDY; CREED, 2017): “Ao contrário do AirLandBattle , que se concentrava em um inimigo ou interações anteriores do FM 3.0, que realmente não se concentrou em nenhuma ameaça em particular, essa edição do FM 3.0 é focada em adversários iguais ou próximos (Rússia, China, Irã e Coreia do Norte)” (2017, p. 14). Esse ambiente, propõe o texto, exige do Exército operações em todos os domínios.

A necessidade de revisão no nível tático-operacional aparece com destaque em todas as edições a partir de 2018. No artigo “Accelerating Multi-domain Operations – Evolution of an Idea”, o general Stephen J. Townsend (2018) defende que batalhas multidomínio serviram ao seu propósito – despertando pensamento e preparando a base para o que considera a próxima revisão do conceito operações multidomínio.

Em 2019, no especial sobre China da edição de setembro-outubro, o artigo “Contemporary China – In Conflict, not Competition”, de Timothy L. Faulkner, reflete que os Estados Unidos precisam ir além de sua integração conjunta atual e abraçar os conceitos de operações multidomínio conjuntas (2019). Reflexão semelhante aparece no ano seguinte, nos artigos “Information on the Twenty-First Century Battlefield” (2020), do capitão Charles M. Kelly, e “Divided we fall – How the U.S. Force Is Losing Its Joint Advantage over China and Russia” (2020), dos tenentes-coroneis Dan Sukman e Charles Davis.

A segunda categoria que mais se destaca na análise desse estudo, “Influência regional/global”, também aparece na revista anteriormente à publicação da NSS. Além do já citado artigo assinado pelo general David Perkins (2017), que discute a

importância da batalha multidomínio para os desafios no MSCh, um outro texto, de autoria do coronel Dave Shunk, do tenente-coronel Charles Hornick e do major Dan Burkhart (2017) analisa o papel das alianças e parceiros estadunidenses como forma de aumentar as capacidades militares do país na região da Ásia-Pacífico.

Assim como o debate sobre novos procedimentos táticos cresce após a publicação da NSS, também a preocupação com a ascensão chinesa na região de seu entorno estratégico aumenta após a publicação do documento. Em 2018, artigo de Emily Martin e Samantha Wooley “The Army’s Role in the Future Pacific Theater” (2018) discute ações da China para limitar a liberdade de manobra de outros Estados no MSCh por meio da construção de ilhas artificiais e através de ações de negação de área (A2/AD). O artigo faz um alerta: “A importância geopolítica da ocupação no Mar do Sul da China não deve ser subestimada” (2018, p. 103). Na edição de janeiro-fevereiro de 2019, o texto de Matt McLaughlin também aborda a construção de ilhas artificiais pela China, no artigo “Identity – Enabling Soldier, Supporting the Mission” (2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente estudo, nos propomos a identificar conexões entre a NSS vigente e escrita durante o governo Donald Trump e o pensamento militar estadunidense, a partir de publicações de artigos na revista *Military Review*, entre 2017 e 2020. Partimos da hipótese de que a China, apontada na referida NSS como o principal competidor dos EUA, é o foco das preocupações da elite militar estadunidense. A crescente influência regional e global chinesa obrigaria os EUA a repensar conceitos operacionais de seu Exército.

A partir da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) da NSS de 2017, constatamos que a China, de fato, ocupa lugar de destaque no documento, sendo registradas 32 citações - contra 25 de Rússia, 21 de Coreia do Norte e 17 de Irã, os demais rivais apontados pela publicação oficial estadunidense. Seguindo o método análise de conteúdo, identificamos seis categorias de análise na NSS: “Identificação de inimigos”; “Capacidades dos competidores”; “Ações dos competidores em outros campos, que não o militar”; “Revisão de conceito operacional”; “Uso de desinformação por parte dos rivais”; e “Influência regional/global”. Nessa última

categoria, acrescentamos as seguintes subcategorias: “Ásia-Pacífico”; “Europa”; “Hemisfério Ocidental”; “Ásia Central e sul da Ásia” e “África”.

Ao analisarmos as 24 edições de *Military Review* no período citado, enquadrámos os artigos sobre China nessas categorias. O resultado mostrou um número considerável de textos relacionados a mudanças táticas operacionais, como orientação ao governo dos EUA para enfrentar o desafio chinês (categoria “Revisão de Conceito Operacional”. A segunda categoria com maior número de artigos foi “Ascensão regional/global” (25) e com ênfase na Ásia-Pacífico (17). Também se percebe uma maior preocupação com o tema China, de forma crescente, após a publicação da NSS.

Após essa análise quantitativa, partimos para a identificação qualitativa desses artigos. Textos enquadrados na categoria “Influência Regional/Global” representam, em sua maioria, a preocupação dos oficiais estadunidenses com a necessidade de reformulação dos conceitos táticos do Exército dos EUA, em especial com a inclusão do conceito de Operações Multidomínio. A segunda categoria com maior número de artigos foi identificada como a “Ascensão Regional-Global”, com ênfase na Ásia-Pacífico, região do entorno estratégico chinês.

Dessa forma, conclui-se que a China ocupa o lugar de principal rival estratégico dos EUA no século XXI, pensamento refletido tanto na revista *Military Review*, caixa de ressonância da elite militar estadunidense, quanto no conteúdo da NSS. Além disso, o pensamento militar, a partir dessa análise, propõe a reforma de conceitos operacionais, em especial operações multidomínio por parte do Exército estadunidense, para enfrentar os desafios crescentes à hegemonia dos EUA, com foco de atenção principal na região identificada como Ásia- Pacífico, não por acaso entendida pela China como sua principal área de influência.

Referências

AQUINO, Edson Tomaz de. Entorno estratégico. In: SAIN-PIERRE, Héctor Luis; VITELLI, Marina Gisela (Org.). **Dicionário de segurança e defesa**. São Paulo: Imprensa Oficial, Governo do Estado de São Paulo, 2018. p. 410-414.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70/Almedina Brasil, 2016.

BRANDS, H. **What Good Is Grand Strategy? Power and Purpose in American Statecraft from Harry S. Truman to George W. Bush**. Ithaca: Cornell University Press, 2014.

DALE, C. **National Security Strategy: Mandates, Execution to Dates, and Issues for Congress**. Reports for Congress. Congressional Research Service, 6 ago. 2013. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/natsec/R43174.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2022.

FAULKNER, Timothy L. Contemporary China - In Conflict, not Competition. **Military Review**, Fort Leavenworth, v. 99, n. 5, p. 42-54, set.-out. 2019.

FIORI, José Luís. **O poder americano**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

KELLY, Charles M. Information on the Twenty-First Century Battlefield. **Military Review**, Fort Leavenworth, v. 100, n. 1, p. 62-68, jan.-fev. 2020.

LAYNE, Christopher. The US–Chinese power shift and the end of the Pax Americana. **International Affairs**, v. 94, n. 1, p. 89-111, 2018.

LIDELL HART, B. H. **Strategy**. New York: Penguin, 1991.

LUNDY, Mike; CREED, Rich. The return of U.S. Army Field Manual 3-0, Operations. **Military Review**, Fort Leavenworth, v. 97, n. 6, p. 14-21, nov.-dez. 2017.

MARTIN, Emily; WOOLEY, Samantha. The Army's Role in the Future Pacific Theater. **Military Review**, Fort Leavenworth, v. 98, n. 1, p. 102-112, jan.-fev. 2018.

MCLAUGHLIN, Matt. Identity - Enabling Soldier, Supporting the Mission. **Military Review**, Fort Leavenworth, v. 99, n. 1, p. 35-46, jan.-fev. 2019.

MEARSHEIMER, John J. Bound to Fail: The Rise and Fall of the Liberal International Order. **International Security**, v. 43, n. 4, p. 7-50, 2019.

MEARSHEIMER, John. Preface. In: MARES, David R.; KACOWICZ, Arie M. (Ed.). **Routledge Handbook of Latin America Security**. New York: Routledge, 2016.

MILITARY REVIEW. Fort Leavenworth: Army University, v. 97, n. 1, jan.-fev. 2017. 149 p.

----- Fort Leavenworth: Army University, v. 97, n. 2, mar.-abr. 2017. 117 p.

- . Fort Leavenworth: Army University, v. 97, n. 3, mai.-jun. 2017. 121 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 97, n. 4, jul.-ago. 2017. 113 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 97, n. 5, set.-out. 2017. 121 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 97, n. 6, nov.-dez. 2017. 133 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 98, n. 1, jan.-fev. 2018. 133 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 98, n. 2, mar.-abr. 2018. 144 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 98, n. 3, mai.-jun. 2018. 117 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 98, n. 4, jul.-ago. 2018. 137 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 98, n. 5, set.-out. 2018. 117 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 98, n. 6, nov.-dez. 2018. 157 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 99, n. 1, jan.-fev. 2019. 146 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 99, n. 2, mar.-abr. 2019. 145 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 99, n. 3, mai.-jun. 2019. 133 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 99, n. 4, jul.-ago. 2019. 137 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 99, n. 5, set.-out. 2019. 165 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 99, n. 6, nov.-dez. 2019. 150 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 100, n. 1, jan.-fev. 2020. 133 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 100, n. 2, mar.-abr. 2020. 134 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 100, n. 3, mai.-jun. 2020. 146 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 100, n. 4, jul.-ago. 2020. 158 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 100, n. 5, set.-out. 2020. 166 p.
- . Fort Leavenworth: Army University, v. 100, n. 6, nov.-dez. 2020. 134 p.

PERKINS, David G. Multi-domain battle - Driving Change to Win in the Future. **Military Review**, Fort Leavenworth, v. 97, n. 4, p. 6-12, jul.-ago. 2017.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis; VITELLI, Marina Gisela (Org.). **Dicionário de segurança e defesa**. São Paulo: Imprensa Oficial, Governo do Estado de São Paulo, 2018.

SHUNK, Dave; HORNIC, Charles; BURKHART, Dan. The Role of Forward Presence in U.S. Military Strategy. **Military Review**, Fort Leavenworth, v. 97, n. 4, p. 56-65, jul.-ago. 2017.

SUKMAN, Dan; DAVIS, Charles. Divided we fall - How the U. S. Force is Losing its Joint Advantage over China and Russia. **Military Review**, Fort Leavenworth, v. 100, n. 2, p. 49-56, mar.-abr. 2020.

TOWNSEND, Stephen J. Accelerating Multi-domain Operations - Evolution of an Idea. **Military Review**, Fort Leavenworth, v. 98, n. 5, p. 4-7, set.-out. 2018.

UNITED STATES OF AMERICA. **National Security Strategy of the United States of America**. Washington: The White House, 2017.

Artigo recebido em: maio de 2024.
Artigo aprovado em: julho de 2024.